

Jorge Amado e o Brasil

JOSÉ CASTELLO



Com familiares e amigos, o escritor participa da inauguração da rua Jorge Amado em Estância, Sergipe (c. 1970)

QUANDO PENSAMOS NO BRASIL, costumamos imaginar um mundo solar e exuberante, habitado por mulheres fortes e sensuais e por homens para quem a luta não exclui a alegria. Um país de sons melódiosos, ritmos hipnóticos e de cores abundantes, com paisagens ardentes em que se vive para celebrar a vida. Essa é a imagem oficial de nosso país, espalhada hoje pelos quatro cantos do planeta, em folhetos de publicidade, pôsteres de companhias aéreas e guias de viagem. Um mundo complexo e dominado pelas misturas, celebrizado como poucos pelo sociólogo pernambucano Gilberto Freyre (1900-87), o autor do célebre *Casa-grande & senzala*, de 1933. Mundo em que coexistem raças, crenças e tradições distintas, e no qual mesmo o mais humilde dos homens — pensemos no Jeca Tatu, personagem que Monteiro Lobato (1882-1948) criou em *Urupês*; em Macunaíma, o herói sem caráter de Mário de Andrade (1893-1945); e em um cineasta como Amácio Mazzaropi (1912-81), o inventor do cinema caipira —, mesmo esse homem primitivo e tosco encontra seu lugar.

Essa imagem oficial de um Brasil vibrante é vendida, em todo o mundo, por agências de viagens, empresas de turismo, ministérios e companhias de aviação; aparece nos festivais de cultura, nas feiras internacionais da indústria e do comércio, nos grandes eventos esportivos, nos megashows de música; está presente em selos, embalagens e etiquetas de nossos produtos de exportação. Chega a materializar-se no amarelo ouro da camisa da seleção brasileira de futebol. Já está, enfim, nas cores de nossa bandeira nacional. Parece existir desde sempre.

Mas tal imagem do Brasil é antes de tudo uma construção moderna. Uma invenção coletiva, incentivada por movimentos culturais como o Modernismo, de 1922, e o **Tropicalismo** no final da década de 1960, e que hoje se concretiza nas escolas de samba, nos grupos de afoxé, nas bandas de pífaro nordestinas e também nas paisagens promocionais dos pampas gaúchos e da floresta amazônica. É uma imagem que teve muitos inventores. Talvez nenhum tenha sido tão importante quanto o escritor baiano Jorge Amado.

Não é exagero dizer: Jorge Amado foi o inventor do Brasil moderno. Não há escritor brasileiro que tenha a imagem pessoal tão ligada à de nosso país quanto

TROPICALISMO. O golpe militar de 1964 foi seguido de uma sistemática repressão aos artistas e intelectuais brasileiros, fazendo emergir no campo cultural uma série de iniciativas pautadas pela oposição política à ditadura. Nesse contexto ganharam força a canção de protesto de Geraldo Vandré, Chico Buarque e Edu Lobo, o Teatro de Arena de Gianfrancesco Guarnieri, o Cinema Novo de Glauber Rocha, bem como o Centro Popular de Cultura da União Nacional dos Estudantes (CPC-UNE), que trabalhava com um conceito nacionalista, militante e popular de cultura.

Os festivais de música promovidos pela televisão tiveram papel fundamental na transformação da cena artística do período. Os primeiros ocorreram em 1965 e angariaram seu público nas fileiras universitárias politizadas. Logo surgiria, como uma espécie de contraposição — considerada à época “alienada” —, o iê-iê-iê, versão brasileira do rock tocada por Roberto Carlos, Wanderléa e Erasmo Carlos, entre outros. A chamada Jovem Guarda foi pioneira no uso da guitarra elétrica no Brasil e se negou a produzir música engajada, servindo por isso mesmo como inspiração para a irreverente Tropicália.

Foi no III Festival da TV Record, em 1967, que Caetano Veloso tocou pela primeira vez em público “Alegría, alegría” e que Gilberto Gil cantou “Domingo no parque”, acompanhado pelos Mutantes. Além de incorporarem elementos do rock, os artistas lançaram mão de guitarra e baixo elétricos, e optaram por uma indumentária bastante ousada para os padrões comportados da época. Esses elementos acabaram por lhes render vaias e críticas, talvez porque boa parte da plateia considerava que estavam se afastando da cultura “genuinamente” nacional. Mesmo assim, a composição de Gil ganhou o segundo lugar, e a de Caetano ficou em quarto.

O LP *Tropicália ou Panis et circensis* foi lançado no ano seguinte, com a participação de Nara Leão, Capinam, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Rita Lee, Arnaldo e Sérgio Baptista, Torquato Neto, Gal Costa e Tom Zé. O arranjo de Rogério Duprat para a canção “Geleia geral” continha

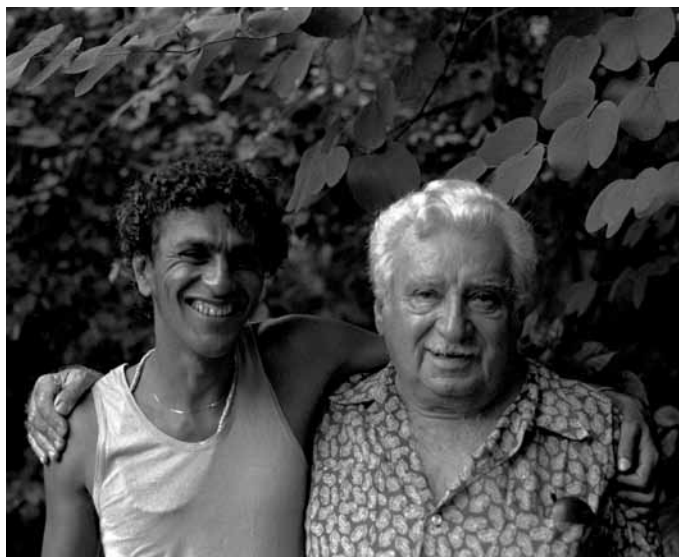
uma síntese sonora da proposta tropicalista: a base da faixa era um rock, sobre o qual se encaixava um baião; em certo momento, havia trechos de “O guarani”, de Carlos Gomes, e depois uma canção de Frank Sinatra. Nas apresentações ao vivo, influenciados pelo cinema e pelas performances, que se destacavam nas artes plásticas, seus concertos se tornavam verdadeiras encenações, nas quais elementos visuais complementavam os sonoros.

Os tropicalistas, portanto, aproximavam sonoridades díspares, combinavam música internacional e raízes brasileiras, tradição e modernidade, acústico e elétrico, vanguarda e kitsch. Assim, ofereciam um retrato multifacetado, colorido, fragmentário e contraditório da cultura brasileira, sem qualquer pretensão de atingir uma síntese coerente e definitiva. A ideia era que a cultura brasileira era produto da mistura, e não havia como recuar a um passado idealizado, tampouco a uma tradição popular previamente selecionada.

Embora o Tropicalismo tenha compreendido criações em diversas áreas artísticas — como o teatro de José Celso Martinez ou as instalações do artista plástico Hélio Oiticica —, não se tratou de um movimento coeso, tampouco de um grupo fechado com programa definido, mas de manifestações heterogêneas e dispersas, ocorridas entre 1967 e 1969. Em comum talvez se possa destacar a retomada de alguns pilares do pensamento modernista dos anos 1920. Em 1968, Caetano Veloso chegou a dizer que “o Tropicalismo era um neoantropofagismo”. E em seu livro *Verdade tropical* escreveu: “Nós, brasileiros, não deveríamos imitar, e sim devorar a informação nova, viesse de onde viesse [...]. A ideia do canibalismo cultural servia-nos, aos tropicalistas, como uma luva. Estávamos ‘comendo’ os Beatles e Jimi Hendrix”.

O movimento tropicalista terminou logo após a promulgação do AI-5, em 1968, e o exílio de Caetano Veloso e Gilberto Gil, em 1969. Mas a discussão e a repercussão do caráter antropofágico da cultura brasileira, capaz de incorporar e alterar de modo criativo elementos exógenos, e sobre a “conciliação de opostos” que perpassa nossa história, permanece atual e desafiadora.

ele. As semelhanças começam já em sua figura. Quem não se lembra de sua presença farta e calorosa e de seu jeitão informal e vivaz de existir? Bonachão e sorridente, Jorge guardava em sua figura um tanto da inocência do Brasil profundo em que nasceu — a fazenda Auricídia, em Ferradas, distrito de Itabuna, sul da Bahia. Com um sorriso amplo de quem levava a vida com leveza e displicência, atributos que se materializavam em seus modos lentos e seus quilinhos a mais, parecia não ter pressa, pois era dono de si. Camisas coloridas um tanto fora de moda, mas em sincronia com seu temperamento tropical. Maneiras falantes, mas sem rodeios e sem poses, de quem via a literatura como aventura, tão gostosa quanto as brincadeiras de menino, e não como exercício de nobreza intelectual. Para Jorge, os escritores podiam ser tudo, menos literatos. Literato é o homem letrado e que gosta de exibir erudição, ele pensava. Jorge, ao contrário, era apenas um homem que gostava de escrever. Dizia ser um escritor e mais nada.



Jorge Amado
e Caetano Veloso,
Salvador, 1985

Quando Jorge Amado publicou seu primeiro romance, *O país do carnaval*, em 1931, era só um rapazote de dezenove anos de idade. O livro conta a história de um jovem, Paulo Rigger, perplexo diante das dificuldades do mundo e ainda indeciso quanto ao caminho a tomar. Reflete, com nitidez, a alma agitada e inquieta do jovem Jorge, que, desejando entregar-se à literatura, se sentia desorientado e escrevia para dar ordem a essa confusão. Romance de formação, *O país do Carnaval* é um livro juvenil, que guarda alguns dos melhores atributos da juventude: a busca frenética do novo, uma forte efervescência interior e o desejo obstinado de acertar. E sobretudo uma grande inquietação. Jorge ainda era um autor “universal”. O Brasil que o jovem Rigger reencontra quando retorna de Paris é um país que lhe parece estranho e mesmo incompreensível. Um país que lhe inspira mais dúvidas que certezas. É uma imagem trêmula, indefinida, de um país que ainda está por construir. E caberá a ele, Jorge Amado, fazer isso.

O Brasil começa a aparecer com mais nitidez em seu segundo romance, *Cacau*, de 1932. O livro descreve a dura vida dos trabalhadores das plantações de cacau da vila de Pirangi, na região de Ilhéus, Bahia. Aqui, os dois elementos fundamentais de sua literatura — memória pessoal e retrato do Brasil — começam a se misturar, e mesmo a se confundir. Quando resolve discorrer sobre o país, é de si e sua origem existencial que ele fala. Jorge escreveu *Cacau* depois de uma viagem a Ilhéus em

busca de suas raízes familiares. A partir do impacto do reencontro com o passado, ainda cheio de dúvidas, Jorge começou a esboçar uma imagem do Brasil.

Esse Brasil mais pobre e mais infeliz continuará a desfilar pelas obras seguintes. Em 1934, quando lança *Suor*, desloca o foco da vida no campo para as ruas das cidades — no caso, a cidade de Salvador. O romance conta a vida miserável de moradores de um sobrado do bairro histórico do Pelourinho. De certa forma, muito torta, evoca *O cortiço*, o famoso romance que o escritor maranhense Aluísio Azevedo (1857-1913) publicou em 1890. Tanto no campo como na cidade, as adversidades — e a luta dos homens simples para superá-las — desenharam uma imagem áspera, mas calorosa, da vida brasileira. Mais uma vez Jorge se inspirou em uma experiência pessoal: na adolescência viveu algum tempo em um dos casarões do Pelourinho. De sua vida e de sua memória ele arranca, agora, uma fotografia do Brasil. Mais uma vez, literatura e vida se misturam e se alimentam.

Publicado em 1936, o romance *Mar morto* é outro exemplo da relação íntima entre Jorge Amado e nosso país. Cada vez que escreve sobre si, ele escreve sobre o Brasil. Cada vez que retorna às lembranças íntimas em busca das conexões perdidas no passado, são fios da vida brasileira que puxa para perto de si. Depois de tratar da vida no campo e nos bairros populares da cidade, Jorge se debruça, em *Mar morto*, sobre a vida no mar. O livro conta a história e os amores de heroicos pescadores que, em precários saveiros, sobrevivem enfrentando o oceano. A cada madrugada a morte os espera no mar imenso. Nesse livro, a imagem destemida do homem brasileiro se engrandece ainda mais. Ele agora não é só um lutador, mas um homem que — como o herói Guma, que se afoga no mar — se aproxima do mito. Um herói que, reencenando os relatos da *Odisseia*, de Homero, enfrenta as forças da natureza e as armadilhas do destino nelas guardadas, e sai fortalecido.

Mais um salto se dá quando, em 1937, Jorge Amado publica *Capitães da Areia*, livro em que os personagens são meninos abandonados, que vagueiam pelas ruas da cidade, lutando — como Robin Hoods de calças curtas — para sobreviver. O

romance reafirma as qualidades que Jorge Amado atribui aos filhos de nosso país — coragem, capacidade de extrair força da adversidade, imaginação vigorosa. Ele sugere ainda que elas não são apenas uma conquista, mas algo que já existe naturalmente em nós. Algo que trazemos desde o berço — como a cicatriz que o líder dos meninos, Pedro Bala, tem no rosto. Torna-se

Com Zélia
Gattai, primeira
foto tirada pela
escritora com
disparador
automático



mais forte ainda, aqui, o otimismo com que Jorge Amado vê o Brasil, quase sempre, é verdade, temperado pela violência. À medida que os livros se sucedem, esses atributos positivos se tornam mais profundos e essenciais, como se estivessem infiltrados no sangue brasileiro.

Além dessas, mais uma característica da literatura de Jorge (qualidade, também, de sua vida pessoal) amadurece: a consciência social e o engajamento político. Publicado em 1935, *Jubiabá* reafirma, ainda com mais força, que o espírito lutador do brasileiro desemboca, necessariamente, na rebeldia e, logo depois, no combate e na luta política. No romance, o herói Antônio Balduino leva uma vida de malandro típico, boêmio e aruaceiro. A proteção de um pai de santo e o sofrimento, porém, o transformam em um rebelde. Deixa a vida errante e se torna, em seguida, um líder. *Jubiabá* mostra como as adversidades se ligam à consciência social.

Essa combinação de elementos leva Jorge Amado a escrever, mais à frente, livros de forte espírito didático e baseados em alguns maniqueísmos — isto é, a divisão do mundo entre os adeptos do bem e os do mal. Escrito em 1943, *Terras do sem-fim* faz uma dura descrição da vida miserável nos grandes latifúndios da Bahia. *São Jorge dos Ilhéus*, de 1944, também trata das disputas políticas, em um cenário dominado pelo regime de semiescravidão. Escreve ainda livros de grande importância histórica, embora de menor valor literário, como *O cavaleiro da esperança*, biografia do líder comunista Luís Carlos Prestes, em que trabalhou no ano de 1945, durante um breve exílio na Argentina e, depois, no Uruguai. No mesmo ano, unindo de vez literatura e política, Jorge se tornou vice-presidente do 1º Congresso dos Escritores, que fez duras críticas ao Estado Novo. Ainda nesse ano, com o fim do Estado Novo, tornou-se deputado federal pelo PCB e se casou com Zélia Gattai.

Essa radicalização política de sua literatura se prolonga durante o exílio de Jorge e Zélia em Praga, na Tchecoslováquia, no início dos anos 1950, quando escreveu *O mundo da paz*, livro de reportagens sobre o socialismo. Até que, em 1954, pouco depois de publicar os três volumes de *Os subterrâneos da liberdade* — romance ambientado na resistência ao Estado Novo — Jorge viveu um grande golpe pessoal. Naquele ano, durante o XX Congresso do Partido Comunista Soviético, o secretário-geral do partido, Nikita Khrushchiov (1894-1971), denunciou publicamente as atrocidades cometidas pelo ditador Iossif Stálin, que esteve no poder



Com a medalha
do Prêmio
Internacional
Stálin,
Moscou, 1951



Na cerimônia
de posse na
Academia
Brasileira de
Letras, 1961

de 1922 até 1953, ano de sua morte. A revelação foi uma grande decepção para Jorge — que em 1951 recebera, em Moscou, o Prêmio Internacional Stálin. Uma radical metamorfose íntima o afastou então de uma visão internacionalista, pautada pela doutrina do comunismo, e o aproximou ainda mais do Brasil e da realidade brasileira, ampliando seu olhar sobre nosso país.

Essa reviravolta se refletiu, cinco anos depois, no romance *Gabriela, cravo e canela*, livro que marca sua ruptura com uma visão mais ortodoxa do mundo e que foi um de seus maiores sucessos internacionais. O romance o lança, de vez, em uma nova visão do Brasil e do mundo, agora não mais esquemática, ou programática, mas viva, cheia de contradições e de incongruências — como a realidade, de fato,

é. Outro sinal dessa mudança aparece na novela *A morte e a morte de Quincas Berro Dágua*, que ele publica em 1959 e que é, nos aspectos literários, seu livro mais sofisticado. Nela, Jorge enterra de vez a visão mais esquemática do real que caracterizou seus primeiros romances. Quincas Berro Dágua é um personagem que desafia a morte. Arremeda, assim, os escritores que, com sua imaginação e sua liberdade interior, ultrapassam os limites da realidade e desafiam as leis da natureza. Ele não é um resignado, mas um insubmisso. Contudo, sua revolta vai muito além da rebeldia contra as mazelas sociais e se expande para uma revolta contra os limites da condição humana e as determinações do destino.

Em 1961, mais próximo ainda das coisas brasileiras, Jorge Amado foi eleito para a Academia Brasileira de Letras. Em 1964, com *Os pastores da noite*, a presença do candomblé e do misticismo afro-brasileiro se tornam ainda mais presentes em sua literatura. Se com *Gabriela* ele reforça as tintas no retrato de um Brasil sensual e otimista, habitado por gente que tem uma alegria absolutamente indiferente às contingências sociais, em *Os pastores* ele volta a enfatizar a figura de um país no qual o espiritualismo e a religiosidade se agigantam. As forças místicas e irracionais se tornam, em definitivo, mais potentes que as circunstâncias sociais e políticas.

Mas é com a publicação de *Dona Flor e seus dois maridos*, em 1966, que Jorge Amado se consagra de vez como o grande retratista do Brasil. Com uma tiragem inicial de 75 mil exemplares, o romance o consagra também como um fantástico vendedor de livros. A simples assinatura de Jorge Amado, a essa altura, basta para atrair multidões de leitores. Com *Dona Flor*, a história de uma professora, Florípedes, dividida entre o falecido e sensual Vadinho e a nova paixão pelo me-

tódico Teodoro, Jorge põe em cena uma heroína que não precisa mais escolher entre o bem e o mal. Entre Vadinho e Teodoro, ela fica com os dois. Com esse livro, toda a estética comunista, que via o mundo como um ringue no qual lutavam forças opostas e inconciliáveis, se arruína. Em *Dona Flor*, Jorge mistura não só o mundo material com o espiritual, mas apresenta personagens que, em vez de lutar para resolver contradições e dilemas íntimos, aceitam os paradoxos e as incoerências que definem o humano, abrigando em si elementos opostos e até, na aparência, incompatíveis. E, justamente porque se recusam a fazer escolhas e aceitam a vida como experiência múltipla e incoerente, eles se fortalecem como seres humanos.

A partir daí Jorge Amado passa a pintar a imagem de um Brasil afirmativo e cheio de otimismo, em que nem mesmo as contradições mais fortes e os sofrimentos mais graves atrapalham os projetos de felicidade. Ao contrário: justamente porque é cheio de facetas e de opostos — como se fosse muitos países dentro de um só —, que ele se torna um grande país. Ele se torna o Brasil. Ricos e miseráveis, pudicos e devassos, brancos e negros, místicos e descrentes, todos convivemos em uma mesma terra. E é essa mistura que nos define como nação.

Os romances de Jorge Amado foram sempre um grande sucesso de vendas. A partir de *Dona Flor*, as traduções se multiplicam, ultrapassando a faixa de quarenta países. Mas no mundo de hoje, dominado pela imagem e pelos audiovisuais, como o cinema, a tv e a internet, eles romperam e ultrapassaram as páginas dos livros. Em 1946, *Jubiabá* e, logo em seguida, *São Jorge de Ilhéus* foram adaptados pela Rádio São Paulo. Três anos antes, Eddi Bernoudy e Paulo Machado levaram *Terras do sem-fim* para o cinema — rebatizado como *Terras violentas*. Em 1961, a extinta tv Tupi levou ao ar uma adaptação de *Gabriela* dirigida por Maurício Sherman.

A primeira adaptação de um romance de Jorge Amado no exterior aconteceu no ano de 1941, quando *Mar morto* se tornou uma radionovela na Radio El Mundo, da Argentina — e que ajudou os argentinos a entender um pouco mais seus vizinhos brasileiros. Dez anos mais tarde, consequência das fortes ligações de Jorge com o movimento comunista internacional, *O ca-*

A manchete noticia a estreia da adaptação de *Gabriela, cravo e canela* na TV, em 1961

TV para esta semana promete Gabriela, Jânio e Noite de Gala

Roberto Seljan Braga

Os três acontecimentos importantes desta semana na televisão são a volta do "Noite de Gala", a estreia de "Gabriela, Cravo e Canela" e o pronunciamento do presidente Jânio Quadros.

Uma entrevista com o presidente Kennedy, gravada em "video-tape" na Casa Branca, o filme da luta Ruy Joffre-Pierre Rolfo, Ray Antony e sua orquestra, e Silvio Caldas, são anúncios para hoje, na volta do programa "Noite de Gala" (TV-Rio, canal 13, às 21 h).

A estreia, hoje, 6. quinta-feira, no canal 6, da novelização do romance "Gabriela, Cravo e Canela" de Jorge Amado, coincide com a eleição provável de seu autor para a Academia Brasileira de Letras. Ele é candidato único a cadeira n.º 23, fundada por Machado de Assis e cujo último ocupante foi Otávio Mangabeira.

Três candidatas estão disputando o papel de Gabriela — Volu, de Carlos

Machado, a atriz Maria Fernanda e outra jovem atriz. A revelação do nome da escolhida será feita amanhã. Depois de amanhã a TV-Tupi oferecerá um coquetel à imprensa, com a presença de Gabriela.

A escolha do nome da interprete foi deixada para a fase final dos preparativos, porque na adaptação feita pelo escritor Antônio Bulcão, o personagem-título só aparece no quarto capítulo; cada capítulo terá a duração de quinze minutos, programada duas vezes por semana (terças e quintas), ao veremos Gabriela no dia 18. Há tempo para ensaiar. Os responsáveis pela escolha de Gabriela são Maurício Chermann, o produtor da novela, e Alcino Diniz, diretor artístico da TV-Tupi.

Amanhã, às 21.30 horas o presidente Jânio Quadros falará de Brasília, através de uma cadeira de rádio e televisão.



valeiro da esperança se tornou uma radionovela na rádio oficial da Tchecoslováquia. Mas a essa altura a literatura de Jorge Amado estava presente muito além das fronteiras do socialismo. Em 1961, a Metro-Goldwyn-Mayer comprou os direitos de adaptação de *Gabriela*, projeto que no entanto fracassou. O romance foi adaptado para o cinema em 1983, com direção de Bruno Barreto e com a atriz Sônia Braga no papel-título. O ator italiano Marcello Mastroianni interpretou Nacib. Entre outras adaptações no exterior estão a de *Capitães da Areia*, realizada, em 1970, pelo diretor de cinema americano Hall Bartlett, com Kent Lane e Tisha Sterling. Em 1975 o cineasta francês Marcel Camus — que já adaptara o *Orfeu da Conceição*, de Vinicius de Moraes, para o cinema, conquistando a Palma de Ouro do Festival de Cannes — levou *Os pastores da noite* para as telas. A cada lançamento, não é só a literatura de Jorge Amado que se dissemina — é uma imagem do Brasil que ela carrega e difunde.

Em 1977 *Tenda dos Milagres* foi transposto para o cinema sob a direção de Nelson Pereira dos Santos, com Hugo Carvana e Anecy Rocha. Mais recentemente, em 1996, foi a vez de o cineasta Cacá Diegues dirigir *Tieta do Agreste*, mais uma vez com Sônia Braga no papel-título.

Nesse ponto as adaptações dos romances de Jorge já tinham se espalhado pela televisão. Em 1975 Walter George Durst realizou para a tv Globo uma segunda adaptação de *Gabriela*, com Sônia Braga como a protagonista. *Terras do sem-fim*, adaptada por Walter George Durst, em 1981, *Tieta*, por Aguinaldo Silva, em 1989, e *Tocaia grande*, por Duca Rachid, em 1995, se tornaram também telenovelas da Globo. Em 2001, a emissora lançou a novela *Porto dos milagres*, dirigida por Fabrício Mamberti e Luciano Sabino e inspirada em dois livros de Jorge Amado: *Mar morto* e *A descoberta da América pelos turcos*, seu último romance, de 1994.

Tenda dos Milagres, adaptada por Aguinaldo Silva, em 1985, *Capitães da Areia*, por José Louzeiro e Antonio Carlos Fontoura, em 1989, *Tereza Batista*, por Vicente Sesso, em 1992, *Dona Flor*, por Dias Gomes, em 1997, e *Pastores da noite*, por Maurício Farias e Sérgio Machado, em 2002, se transformaram em minisséries. Atores do porte de Sônia Braga, Nelson Xavier e Betty Faria tiveram interpretações consagradoras de personagens de Jorge Amado. Enquanto assistia na tv às encenações das histórias de Jorge, o Brasil via a si mesmo, e aprendia quem estava predestinado a ser.

A forte identidade entre Jorge Amado e o Brasil também chegou às escolas de samba. Em 1989 o Império Serrano, do Rio, levou para a avenida o enredo “Jorge Amado, axé, Brasil”.

Logo depois de lançar *Gabriela*, Jorge recebeu o título de obá Arolu do Axé Opô Afonjá, uma das mais altas condecorações do candomblé da Bahia. Quando em 1961 ele foi eleito para a cadeira da Academia Brasileira de Letras, esse reconhecimento da elite literária do país vinha apenas ratificar a consagração

popular. No mesmo ano, o presidente Juscelino Kubitschek o convidou para ser embaixador de nosso país na República Árabe Unida, criada três anos antes, com a união política entre o Egito e a Síria. Jorge delicadamente recusou o convite. A essa altura, ele já era o embaixador brasileiro não para esse ou aquele país, mas para o mundo.

As traduções no exterior ajudaram a aproximar as imagens de Jorge Amado e do Brasil. Já em 1937, aos 25 anos, mesmo ano em que o Estado Novo queimou seus livros em praça pública, teve dois de seus primeiros romances, *Suor* e *Cacau*, traduzidos para o russo. Em 1984, quando recebeu a Legião de Honra, a maior condecoração francesa, o nome de Jorge Amado já era uma espécie de etiqueta de qualidade das coisas e dos temas brasileiros. Três anos depois, com a criação da Fundação Casa de Jorge Amado, em Salvador, ele se tornou, em definitivo, uma instituição nacional. No ano seguinte, reafirmando a força desse vínculo entre o escritor e o país, a editora norte-americana Bantam Books lhe pagou o maior adiantamento já destinado a um escritor brasileiro: 250 mil dólares. Mesmo quando, em 1993, depois de sofrer um infarto, sua saúde começa a declinar, seu nome continuou a valer ouro. O título de doutor *honoris causa* que recebeu em 1998, da Universidade Sorbonne, França, apenas três anos antes de sua morte, foi mais uma reafirmação eloquente disso.

Ao se inventar como escritor, Jorge Amado reinventou o Brasil. A partir dele não podemos mais pensar em nosso país sem as cores e o sensualismo, a mestiçagem e o sincretismo, a fibra e a alegria que norteiam suas narrativas. Nós, que nascemos a partir da metade do século xx, somos filhos e herdeiros dessa literatura. Somos, de alguma forma, seus personagens também. Se o Brasil tem um autor, ele se chama Jorge Amado.

LEITURAS SUGERIDAS

O *CORTIÇO*, de Aluísio Azevedo. Publicado pela primeira vez em 1890, esse romance, emblemático do movimento naturalista, narra com crueza e minúcia a vida cotidiana na fronteira de um sobrado com um cortiço, bem como as trocas entre esses dois universos sociais.

VERDADE TROPICAL, de Caetano Veloso. Relato parcialmente autobiográfico, assinado pelo cantor e compositor baiano, que reconstrói sua trajetória artística e pessoal, ao mesmo tempo que reúne informações e suscita reflexões sobre o Tropicalismo, a Bossa Nova, a Jovem Guarda e os festivais de MPB na televisão.

A *ODISSEIA*, de Homero. Poema épico grego, datado do século VIII a.C., que narra de forma não linear a viagem de volta de Ulisses a Ítaca. Ulisses fora lutar na Guerra de Troia, mas no retorno acaba se perdendo por causa de uma tempestade no mar e só consegue voltar para casa — e para sua fiel amada Penélope — dez anos depois.

CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA: JORGE AMADO. Organizada quatro anos antes da morte do escritor, essa bem-cuidada revista contém artigos sobre a vida e a obra de Jorge Amado, uma galeria de imagens e também compilações com informações biográficas e bibliográficas bastante completas (traduções no exterior, adaptações audiovisuais, prêmios recebidos).

ATIVIDADES SUGERIDAS

✓ Dividir os alunos em grupos e pedir a cada um que pesquise diferentes campos de manifestações artísticas (cinema, música, teatro, artes plásticas) que integraram o movimento tropicalista.

✓ Durante o século XIX inúmeras teorias científicas foram importadas e aplicadas à realidade brasileira, como o determinismo geográfico, que em linhas gerais defendia o meio ambiente como determinante do comportamento das pessoas. Em obras literárias como *O cortiço* e *Suor* o meio ambiente tem papel destacado, influenciando as personagens. Comparar o modo como isso acontece nessas duas obras literárias.

✓ Após uma breve explicação sobre a estrutura dos mitos gregos, que envolvem sempre lutas com as forças da natureza e do destino, estabelecer com os alunos uma comparação entre dois heróis: Ulisses e Guma.

✓ Assistir com os alunos ao filme *Tieta do Agreste*, de Cacá Diegues, e procurar identificar as principais características do Brasil construído por Jorge Amado em seus romances. Atentar para as cores, o sensualismo, a mestiçagem e o sincretismo, a fibra e a alegria dos personagens.

✓ Escolher com os alunos uma obra de Jorge Amado e produzir uma radionovela. Trabalhar com os contos Milagre dos pássaros e De como o mulato Porciúncula descarregou seu defunto é uma boa opção para conseguir adaptar uma obra inteira. Atentar para a interpretação das personagens, para a voz do narrador e para a sonoplastia que ambienta a ação narrada.

